

* 8 OUT 1999

4.000 anos de controles

MAURO GUIMARÃES

O ministro Mailson da Nóbrega leu, durante sua última viagem pelos Estados Unidos, segundo o jornalista Carlos Alberto Sandenberg, do **Jornal do Brasil**, um livro sobre as centenas de tentativas de controles de preços e salários implementadas durante os últimos 40 séculos. Após a leitura, o ministro teria reforçado sua convicção a respeito da inutilidade de um novo congelamento de preços e salários no Brasil. Menos mal.

O livro em apreço é interessante e, sobretudo, muito útil. Chama-se **4.000 anos de Controles de Preços e Salários: como não combater a inflação**. É de autoria dos professores Robert Schettinger e Eamonn F. Butler, e editado sob os auspícios da Heritage Foundation.

Os autores começaram a trabalhar na pesquisa em 1974, exatamente quando, nos Estados Unidos, abandonava-se a política de controles de preços e salários iniciada pelo governo de Richard Nixon. A partir de então, eles examinaram mais de cem casos nos quais se introduziu a política de controles em 30 nações diferentes, em seis continentes; desde o ano 2.000 a.C. até 1978. Apesar disso, no prefácio, os autores afirmam que a obra é um breve estudo de um tema muito amplo. E, no entanto, é a única obra que desenvolve, em um só volume, a história de controles nas mais importantes nações do mundo. Eles dizem esperar que os dados reunidos e analisados sejam úteis para os estudiosos que desejem se aprofundar

nos aspectos mais especializados da história da inflação e dos controles impostos pelos distintos governos em matéria econômica.

Infelizmente o livro ainda não foi traduzido no Brasil. Se tivesse sido garimpado por alguma editora nacional mais atenta, poderia ter significado algum alívio para as consequências econômicas e políticas que todos sofremos com o Plano Cruzado. E, depois, com o Plano Bresser. E, ainda — mas será pela última vez? — com o Plano Verão.

A pesquisa é, realmente, didática. Começa pela Babilônia, com os controles de preços e salários impostos pelo Código de Hammurabi. Viaja pelos séculos sem encontrar sequer uma tentativa bem-sucedida. A passagem mais pitoresca talvez seja a que se refere ao Édito do Imperador romano Diocleciano que, quatro anos após implementar um vasto e minucioso controle de preços e salários, abdicou, alegando pressões e cargas do governo que prejudicavam sua saúde. O édito, é claro, transformou-se em letra morta após a abdicação do seu autor. Nossas conhecidas e desmoralizadas listas da Sunab chegam a ser modestas, se comparadas com os pormenores do documento imperial.

As experiências se sucedem ao longo dos 40 séculos retratados na obra, da Babilônia, à Revolução Francesa e às duas guerras mundiais, passando pelo fascismo, nazismo, stalinismo etc. Nenhum êxito em 4.000 anos.

A revista **Business Week**, comentando o livro na época do

lançamento, indagou, com pertinência, por que, afinal, os políticos pensam, com tanta frequência, que somente eles podem fazer o que ninguém conseguiu, em toda a História da humanidade. A resposta talvez seja simples: os controles de preços e salários, desde tempos imemoriais, foram um recurso privilegiado pelos governos porque encobrem o fato de que é sempre o próprio governo o grande gerador de inflação.

Há, no entanto, relacionado no livro, um extraordinário exemplo de sucesso. Depois da II Guerra Mundial, até 1948, vigorava na Alemanha um rígido controle de preços e salários mantido pelo governo militar aliado. Pois bem, na calada da noite, em um domingo, o professor Ludwig Erhard, ministro da economia da Alemanha e seu futuro Chanceler, decidiu, sozinho, levantar os controles. No domingo, sabia ele, a burocracia aliada se encontrava descansando em suas casas. O anúncio, no fim de semana, daria tempo suficiente para que a medida alcançasse os efeitos desejados antes que os burocratas pudessem se reunir e decidir que ela não deveria se concretizar. Erhard saiu na frente da burocracia — e esse foi, sem dúvida, o começo do festejado “milagre econômico” alemão.

Até quando esperaremos por um domingo semelhante? Por enquanto, em matéria de controles e regulamentação, parece que insistimos em percorrer o caminho de volta ao Egito.

□ Mauro Guimarães é jornalista e vice-presidente da Salles-Interamericana.

* 8 OUT 1999

ESTADO DE SÃO PAULO